



Ateliê de História

Palavras - chave:
Sarandi. História Oral.
Memória.

Resumo: A estudo da história de uma cidade perpassa pela busca da memória coletiva de seus habitantes que transformam a cidade em algo mais que uma mera coleção de prédios, dessa forma entender a história de Sarandi-Pr, exige que se contextualize a cidade na realidade da frente pioneira no Norte Paraná em meados do século XX, fenômeno ocorrido na primeira metade do século XX, e posteriormente a busca pelos elementos da memória dos primeiros habitantes, a partir da história oral, desvenda-se aspectos e elementos da memória dos habitantes mais antigos da cidade de Sarandi-Pr, e os embates na memória desse grupo sobre o discurso dominante frente a colonização do Norte do Paraná, bem como, aspectos sociais dessa comunidade na sua forma que seus membros têm de se relacionar.

“NO DIA EM QUE CHEGAMOS”: A MEMÓRIA DOS MIGRANTES NA CIDADE DE SARANDI-PR

Fellipe Luiz Totoro Ognibeni ¹

Fernando Bagiotto Botton ²

INTRODUÇÃO

Hoje o Norte do Paraná é bastante desenvolvido, densamente povoado, possui grandes empresas e excelentes universidades, porém ainda que esse progresso nos salte aos olhos, essa região é muito nova, sua formação se iniciou na década de 1930, seguindo até a década de 1960, como indica (NETO, 2008). Essa velocidade com a qual a região foi ocupada se deve em grande parte à forma com a qual sua colonização foi feita. Em aproximadamente três décadas entre 1927 e 1960 a colonização da região Norte do Paraná foi direcionada por uma empresa privada de capital inicialmente britânico e posteriormente brasileiro, como relata Paulo Cesar Tomaz, 2008 em sua tese se mestrado, Cidade, Memória e Patrimônio.

A vinda da população para essa nova região de Sarandi foi acompanhada de desejos de uma vida melhor e construção de um patrimônio, sabemos que a Companhia dava boas condições de pagamento, e que as terras eram baratas, também sabemos que havia uma propaganda muito intensa feita para promover as novas terras, como já foi muito estudado e abordado por diversos autores que estudam o processo de colonização no norte paranaense (CAVALCANTE, 2013).

Mas os primeiros habitantes guardam é claro a lembrança da mudança, não apenas da viagem, da mudança física, ou da memória oficial engendrada pela Companhia e pelos políticos desde o início da colonização, ou mesmo a memória que trazem os trabalhos acadêmicos, mas uma lembrança viva, carregada de sentimentos e significados, que marcam o processo, sofrido, de deixar seu espaço e passar a viver num outro. A cidade de Sarandi era, nesse momento, um mundo novo, não havia uma relação, sentimento de pertença, história, uma tradição ou laço entre o espaço em questão (que em pouco tempo seria a cidade de Sarandi) e a população que ali chegava, era a mudança para um lugar completamente novo e estranho.

O momento da chegada da nova população foi o momento do encontro dessa população com o novo espaço no qual construiria o novo lar, e marca já a formação dos laços desses colonizadores com a cidade que se formava. Hoje vemos que a população da cidade tem sua memória, baseada nos seus próprios lugares, fatos e personagens, que vão muito além do discurso engendrado por meios de comunicação, ou prefeituras, ou pela historiografia mais tradicional que fala sobre a região.

1 Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá. Especialista em História, Arte e Cultura pela UEPG. Email: fellipe_totoro@yahoo.com.br

2 Orientador. Graduado em História e, mestre em História pela UFPR, doutorando do Programa de Pós-graduação da UFPR.

HISTÓRIA ORAL, A MEMÓRIA E A HISTÓRIA, UMA QUESTÃO TEÓRICA

É função da história enquanto área do conhecimento, problematizar a memória e transformá-la em conhecimento histórico, afinal, como afirma Pierre Nora “uma memória sem passado que reconduz ternamente à herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo dos heróis” (NORA, 85, p.8), mediar o enfrentamento entre a memória e a história aproximando a primeira do conhecimento científico é fundamental para que o passado não recaia sobre a um tempo mítico existente apenas no **senso comum**, para que a visão sobre o passado não seja simplesmente esse senso comum, ou a crítica vazia de uma geração sobre a outra, expressa em frases como: “no meu tempo as coisas eram melhores”, no meu “tempo não era assim”.

Nessa transformação da memória em história, o historiador necessita de fontes, metodologias e paradigmas teóricos que o direcionam e orientam nesta tarefa. Especificamente para o nosso trabalho devemos considerar que antes de mais nada, estamos falando de uma cidade, o que implica em um recorte mais específico e análise de características próprias do espaço urbano em questão, abrindo-se assim à interpretações que muitas vezes fogem a esquemas macroexplicativos. Sobre isso o professor Arturo Almandoz, afirma:

en los últimos años la historia cultural y social ha abandonado las “grandes narrativas” o esquemas estructuralistas, bien sean de inspiración marxista o de la *longue durée* de esa escuela de los *Annales*, a favor de estudios más focalizados, o “*Imicrohistoria*” en que se enfatizan la contingencia y autonomía de las formas culturales (ALMANDOZ, 2003, p. 146).

Nesse momento estudo sobre a cidade, seja ela qual for, busca entender especificidades daquela comunidade, levando a metodologias e fontes que permitam a análise de um objeto tão específico. Para esta faina o historiador tem em seu arsenal, entre outras armas, a *história oral*, muito bem aplicada e discutida por vários autores, tais como Michael Pollak, Pierre Nora e Verena Alberti. Pollak compara a importância e as possibilidades de estudos que usam como fonte os relatos orais, com os estudos

que usam fontes escritas, ou qualquer outro tipo de fonte, ainda que cada tipo de fonte exija tratamento e metodologias diferentes: “se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral” (POLLAK, 1992, p. 8).

Outro autor de suma importância para esse processo de construção do conhecimento histórico e entendimento da memória é Pierre Nora, que opõe a memória e a história como sendo análogas. A história é claro fica reservada a síntese científica, entretanto a memória é definida como sendo, dinâmica, atual, e ligada a um determinado grupo social, que encontra sua identidade nessa memória que o permeia:

[...] sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está sempre em evolução, aberta à dialética de lembranças e do esquecimento, inconscientemente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptíveis de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivo no eterno presente. [...] A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une. O que quer dizer, como Halbmach fez que há tantas memórias quantos grupos existentes, que ela é, por natureza, múltipla, coletiva plural e individualizada. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (NORA, 85, p. 9).

Michel Pollak em seu trabalho, *Memória e Identidade Social*, expõe suas experiências em trabalhos passados de história oral, sobre a relação da memória com a história, e questões teóricas acerca da memória, para ele a memória é uma construção social que ainda aparentando um caráter individual, ela congrega e une um grupo, criando os elementos que o mantém e dando os pilares para a identidade deste determinado grupo. Não é possível estudar a identidade sem antes conhecer é claro os elementos que a definem. Dessa forma Pollak afirma:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita

3 Leocádio Pereira da Costa (1832-1884), em 1862, fundou o primeiro jornal de Paranaguá, O Comércio do Paraná; Leocádio José Pereira (1848-1886) foi médico humanitário e de grande cultura; Ermelino de Leão (1834-1901) foi um dos principais historiadores da geração paranista; João Regis Pereira da Costa (1863-1935), jornalista, foi do grupo de Leôncio Correia, Nestor Victor e Romário Martins. Cf. COSTA, Samuel Guimarães. O último capitão-mor: 1782-1857. Curitiba: Scientia Et Labor/Editora da UFPR/Prefeitura Municipal de Paranaguá, 1988, p. 233.

entre a memória e o sentimento de identidade (POLLAK, 1992, p. 5).

Mais adiante o autor define ainda a própria identidade, sua relação entre a identidade individual e a coletiva estabelecendo a importância da identidade para a relação entre os indivíduos do grupo.

Que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p.5).

A noção da identidade como imagem de si, para si e para os outros (POLLAK, 1992), é basilar na prática da história oral uma vez que revela ainda o caráter coercivo que pode ter as relações dentro da memória e da identidade coletiva. Essa relação pode ser facilmente observada, no conflito entre o que é dito pelo indivíduo, ou seja, a informação que ele tenta transmitir, e a forma com que ele diz (por vezes ainda o que ele não diz), que revela o conflito, os momentos em que as memórias, coletiva e individuais, destoam entre si. Na verdade Pollak nos ajuda a entender que “a priori, a memória parece ser um fenômeno individual” (POLLAK, 1992, p.2), entretanto é um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p.2).

Pierre Nora também analisa a relação da memória com a história e afirma que a coerção de um indivíduo passa pela construção da memória e do indivíduo, que reconstrói e ressignifica seu passado a partir de uma memória geral, assim memória individual é própria do indivíduo, porém ela é ainda um fragmento de uma memória coletiva.

[...] porque a coerção da memória passa definitivamente sobre o indivíduo e somente sobre o indivíduo, como sua revitalização possível repousa sobre sua relação pessoal com seu próprio passado, a atomização de uma memória geral em memória privada da lei da lembrança um intenso poder de coerção interior. Ela obriga cada um a lembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade [...]. (NORA, 85, p.18)

Esse construto permite que os membros de cada comunidade compartilhem determinadas lembranças, lugares de memória como define Nora, reconhecendo-se assim como iguais. Temos aí, a memória criando um sentido de pertença e agindo como elemento consolidador da identidade, seja ela

coletiva ou individual, no caso de Sarandi, como de praxe em toda a zona pioneira ao norte do Estado, a memória e as representações construídas na época da colonização, atual como esse elemento aglutinador, e funda um grupo, o pioneiro, logo mais que uma pessoa que atenda a um simples critério temporal (como é a definição de pioneiro para os outros municípios, como o de Maringá), o pioneiro também partilha um conjunto de representações e valores sobre sua própria vida.

Neste sentido Pollak descreve que na formação da identidade a partir da memória, existem elementos que invariavelmente estão presentes: a unidade física, fronteiras dos grupos, certa continuidade construída pelo grupo, e finalmente coerência entre os diferentes elementos constitutivos da identidade:

Nessa construção da identidade [...] há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. (POLLAK, 1992, p.5)

Ainda sobre a formação da identidade, Pollak lembra que elementos da memória mudam por conta dos seus interlocutores, tornando assim a memória em elementos que constituem a identidade, um processo dinâmico:

Em certo sentido, determinado número de elementos, tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificarem função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala. (POLLAK, 1992, p.2)

Perceberemos essa dinâmica natural da memória e da identidade, no discurso construído sobre Sarandi acerca de sua fundação, discurso que na verdade sempre esteve ligado a demandas contemporâneas e não necessariamente à busca pelo fato histórico. Finalmente Pollak e Nora definem o que seriam os elementos constitutivos da identidade:

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória

da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. (POLLAK, 1992, p.2)

Dentre os tais elementos que constituem a memória e a identidade, destacam-se os lugares de memória, segundo Nora esses seriam, “a forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama” (NORA, 85, p.13). Ao discorrer sobre os lugares de memória o autor lembra-se de duas formas de classificá-los, pela sua natureza e pela sua complexidade (NORA, 1985,). Entretanto define que estes são construídos historicamente e socialmente e que seu significado e importância residem nessa construção, e não no elemento físico e real que por ventura seja o lugar de memória:

[...] Diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não têm referentes na realidade. [...] o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações. (NORA, 85, p.27)

A prática da história oral permite que o historiador encontre esses lugares de memória, acesse a identidade de um grupo, ao buscarmos os elementos comuns ao grupo, sem desprezarmos, as individualidades de cada informante, uma vez que as entrevistas são feitas com o indivíduo e de preferência em um ambiente livre de influências e interferências externas que possam de alguma forma influenciar o relato colhido (ALBERTI, 2004). Comumente os elementos comuns a todo um grupo estariam ligados à: personagens, eventos, lugares de memória entre outros. O importante é ressaltar que esses elementos não podem ser vistos de forma factual, mas como representações caras à população em questão que por vezes se apoiam em algo real, mas que traz consigo um significado e um discurso que vai além do concreto, assim um lugar de memória é mais que um lugar, mas sim um lugar no espaço e tempo onde o grupo deposita um valor específico, e que para indivíduos de fora do grupo não significa nada (NORA, 1985). Nesse momento o lugar de memória ajuda a definir um limite entre o grupo em questão e o outro, também fundamental para a noção de identidade.

SARANDI E SUA CRIAÇÃO

A Companhia de Terras Norte do Paraná tinha capital britânico e visava inicialmente a exploração do mercado imobiliário, no norte do Paraná, em outras palavras o que a Companhia fez foi adquirir a preços módicos uma vasta área de terras ao norte do Estado e iniciar um processo de ocupação no qual ela empregou conceitos modernos de urbanização trazidos da Inglaterra, hoje esse conceito é mais conhecido como a *cidade jardim* (NETO, 2008). Ainda que a memória coletiva tenha internalizado o café como um dos pilares da colonização e da história do Norte Paranaense, a princípio não se havia planejado isso, a importância que o café adquire nesse processo se deve ao momento que vivia a própria economia cafeeira em meados do século XX (NETO, 2008).

Por mais de cem anos a economia cafeeira esteve centralizada na região sudeste do país, porém nas décadas de 1910 e 1920, houve o deslocamento dessa economia para o norte do Estado do Paraná, uma região que até então era vista como um grande sertão de terras devolutas (terras tidas como improdutivas e não ocupadas que estavam em posse legal do Estado), de acordo com a visão das elites da época, ainda que estudos atuais apontem para a presença de vários grupos de indígenas e de caboclos, entrem os autores que estudam esse tema, um dos mais destacados é o Professor Francisco Silva Noelli que afirma: Muitos estudiosos contribuíram para o conhecimento da região norte paranaense, e mesmo aqueles que apenas se referem a ela, entregam-se ao discurso dominante que omite ou desqualifica a presença indígena na região (NOELLI, 1999, p. 52).

Noelli ainda estuda os elementos que contribuíram para a formação desse discurso, e sobre eles afirma:

[...] os agentes dessa construção são muitos: desde a história oficial das companhias colonizadoras, os discursos governamentais; os escritos que fazem a apologia da colonização; os geógrafos que escrevem sobre a ocupação nas décadas de 30 e 50 do século XX; a historiografia paranaense produzida nas universidades e, por fim, os livros didáticos que se utilizam dessas fontes, repetem para milhares de estudantes do estado a ideia de que as terras indígenas do terceiro planalto do Paraná constituíam um imenso “vazio demográfico”, para ser ocupado pelos pioneiros. (NOELLI, 99, p.31)

Segundo ele o discurso do vazio demográfico é uma construção que ocorreu nos primeiros anos de colonização, levada a cabo pela própria Companhia e pelas elites locais.

Em 1927 a empresa privada “Companhia de Terras Norte do Paraná”, assume após um contrato com o governo do Paraná, o monopólio da exploração imobiliária de parte das terras “devolutas” ao norte do Estado, dando início assim um processo de colonização mais rápido e efetivo que propiciou uma imensa imigração de pessoas vindas de todas as áreas do Brasil e também do exterior, a fim de se instalarem nessa região de ocupação recente, tal processo foi responsável pelo estabelecimento de 63 cidades e patrimônios, incluindo Londrina e Maringá (NETO, 2008), as maiores cidades do interior do Estado, além de vários outros centros com relativa importância para o Estado como Apucarana, Campo Mourão e Umuarama, além claro do discurso dominante sobre a história dessa nova região. Sobre a construção desse discurso.

Desde 1950, muitos foram aqueles que descreveram e analisaram o processo de (re)ocupação da região hoje situada ao norte do estado do Paraná. Além dos escritores locais que normalmente escreviam pequenos estudos sobre a sua cidade. A maioria deles procurou confirmar o discurso dominante, quando não construí-los. (TOMAZI, 2007, p.51)

Porém esse discurso foi construído excluindo outros atores sociais considerados como sendo subalternos ou mesmo indignos pela elite dominante, a pesquisa histórica traz à tona, os elementos negligenciados, ou deliberadamente excluídos das escritas oficiais da história.

Entende-se que a fórmula trinomial Café/Companhia/Pioneiro, mais do que provocar um reducionismo analítico da história maringaense e regional, também causa sensação enfadonha e insossa, pois segue um tom monótono, sem surpresas e descobertas reveladoras. Desposar tal modelo é empobrecer irritantemente a história de uma comunidade rica em lances e nuances. Ao longo do tempo, a hegemonia do trinômio redutor vem cumprindo exitosamente um objetivo maléfico, o de transformar uma experiência vibrante e original em matéria incolor, insípida e inodora. (LEAL, 2011, p. 43)

As críticas feitas a essa historiografia que mantém e reproduz o discurso oficial dominante, abriram então, caminho para novas pesquisas que resgatam as histórias e experiências esquecidas por essa história oficial. É nesse momento que abre-se caminho para que se escreva a história de Sarandi, uma

cidade pequena no subúrbio de uma metrópole, e o resgate da memória dos pioneiros, indiferente de sua classe social ou gênero, ainda que isso vá de encontro com o discurso dominante.

A ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

Cerca de dez anos após o início da ação da Companhia já existiam os primeiros brancos na região que hoje é Sarandi, Veroni Friedrich, estuda a evolução da política patrimonial em Maringá e revela a ação da população local em construir uma capela em regime de mutirão a partir de 1939, a capela de São Bonifácio, localizada atualmente na divisa dos municípios de Maringá e Sarandi (FRIEDRICH, 2010) nesse momento ainda não haviam núcleos urbanos definidos, o mais próximo era ainda Lovat, atual Mandaguari (REGO; MENEGUETTI, 2006), uma vila dentro do imenso território de Londrina, deste período não foi encontrado nenhum pioneiro, os pioneiros mais antigos encontrados chegaram à cidade por volta do ano de 1947, ano de criação do Município de Mandaguari, e ainda guardam a memória desse período, e da relação que existia com a sede do município.

Nesse final da década de 1940, Sarandi ainda tinha uma realidade bastante precária, o único acesso à região era uma estrada de terra aberta no meio da mata fechada. Em épocas de chuva quando tais rios enchiam e a lama e água tomavam conta da estrada, essa se tornava intransitável e isolava as comunidades que ficavam às suas margens (LUZ, 1999).

Vários entrevistados lembraram-se da madeira e da mata de onde ela era extraída, Sr. Luiz diz que ao caminhar pelas florestas, a árvore mais comum era de longe a peroba, e que também era a melhor para construções, de fato, um dos marcos do Norte do Paraná em suas primeiras décadas é a arquitetura em madeira, como afirma Antônio Carlos Zani em *Arquitetura em Madeira* de 2013, característica presente ainda hoje em Sarandi. Aparentemente nos relatos dos pioneiros, a tarefa de derrubar a mata foi desde cedo masculina e hoje parece ficar marcada como um dos elementos que dão mérito à ação desses homens.

Essa relação com o ambiente é marcante na história da cidade, entretanto é na década de 1940 que vemos a derrubada da mata representada como tarefa hercúlea, os colonos que se instalaram nesse momento realmente chegaram a um espaço des-

provido de infraestrutura, de habitações, plantações, abrir a mata naquele momento foi visto como o legítimo ato de pioneirismo. Podemos perceber tal visão sobre a derrubada da mata, nos relatos daqueles que chegaram à Sarandi na década de 1940. Dona Rosa lembra do processo de derrubar a mata, e transformá-las em tábuas para a construção:

Os homem entrava na mata e derrubava as tora, depois levava lá no fim da picada pra fazer as tabua, era bem difícil naquela época. (Dona Rosa)

Sr. Luiz descreve as árvores na mata com empolgação, e depois fala das qualidades da madeira:

Tinha aquelas arvore grande que precisava de dois, três home pra abraça, precisava de uma turma pra derruba essas arvore, e mais uns tanto pra leva as tora pra serraria. E dava uma madeira boa, a peroba é a melhor madeira que tem pras casa de tábua né. Essa casa ai tem mais de 50 ano e ta ai boa forte ainda né. (Sr Luiz)

É fato que a Cidade de Sarandi só desenvolveu seu núcleo urbano depois de Marialva e de Maringá, suas vizinhas mais próximas, mas para entendermos como foi esse desenvolvimento, e como Sarandi se inscrevia no contexto regional, é necessário olhar para o modelo de planejamento urbano adotado pela Companhia Melhoramento Norte do Paraná, desde a formação de Londrina, primeira cidade formada pela CTNP, foi adotado o modelo da cidade jardim, onde as cidades não poderiam ser muito grandes, mas também não poderiam ser isoladas, assim o correto seria um arquipélago de cidades pequenas ao redor de uma cidade maior, com isso haveria mercado, mão-de-obra, desenvolvimento de um grande centro, mas sem os problemas de superpopulação, e sem perder os laços com o mundo rural (Neto, 2008).

Para garantir a aplicação desse conceito de urbanização, a Companhia planejou cada cidade que seria criada, bem como sua população e o modelo de propriedade que cercaria cada uma dessas cidades, e ligando todo seu arquipélago, uma estrada de rodagem em paralelo com uma ferrovia. O Município de Sarandi não se achava nesse plano, nele havia Ma-

ringá, desde o projeto um centro regional, Marialva, distantes cerca de 15Km, e um pequeno patrimônio próximo a uma estação da ferrovia (REGO; MENE-GUETTI, 2006), o qual anos mais tarde daria origem ao atual município.

Quando nos voltamos para a memória da população que viveu esse período, percebemos que ainda não há Sarandi propriamente dito, há apenas Maringá e Marialva, estes são os lugares administrativamente definidos, entretanto existe o sentido de comunidade entre a população rural que vive nessa área, tal sentido de comunidade não se restringia é claro aos limites políticos administrativos, mas já é uma forma dessa população distinguir-se das populações vizinhas, é um momento da entrevista em se pergunta a Sr. Luiz desde quando ele vive na região de Maringá, imediatamente ele responde: *não, sempre aqui em Sarandi!*

Em 1965 foi criado oficialmente o distrito de Sarandi, pela lei estadual N° 5076 começando então a delimitação de um território ao qual a memória se vinculou, mas o núcleo urbano já existe desde fins dos anos de 1940, dado trazido à tona por Rego e Meneguette, e nos relatos percebemos as memórias e impressões sobre a cidade ainda em fins dos anos 40, na verdade a criação do Distrito de Sarandi em 1965 foi um fato lembrado apenas por uma entrevistada, Dona Dionísia, já que seu pai *comissário de menor* segundo a mesma, do distrito, logo estava inserido nas questões político administrativa. Possivelmente a criação do distrito jurídico administrativo em 1965 apenas formalizou algo que já existia, a existência de Sarandi dentro do território de Marialva, porém distinta de Marialva, por isso só se lembrou da data a filha de um dos novos funcionários que trabalharam para esse distrito, Dona Dionísia. Por fim a importância parece ter desaparecido frente ao 14 de outubro de 1981, data da emancipação política do Município. Percebe-se ainda que a população que viveu na cidade nesse período em que o distrito fez parte de Marialva, se ressentia da cidade mais antiga, como afirmam alguns entrevistados:

Marialva tem uma dívida muito grande com Sarandi, Maringá também tem, mas Marialva tem mais. (Dona Dionísia)

5 Renomado escritor francês nascido em 2 de abril de 1840, faleceu em 29 de setembro de 1902. Em 1898 denunciou erros jurídicos e complô do exército francês no caso Dreyfus, o que pode ter levado a sua morte.

6 Alfred Dreyfus acusado injustamente em 1894 por trair o exército francês entregando ao exército alemão documentos secretos. Um dos casos de erro jurídico mais famoso da história.

7 Filósofo, cientista político, comunista e político italiano, 1891-1937.

8 Importante lembrar que a visão de Gramsci é traçada pelo marxismo, por isso, o intelectual orgânico deve defender os interesses das classes subalternas.

Os político de Marialva não fazia nada por Sarandi, só cobrava imposto e aqui não tinha nada, por isso que o povo quis separar. (Sr. Pedro Basse)

Há, depois que separe de Marialva ai as coisa começo a melhora, porque ai tinha um político daqui né, um prefeito daqui. (Dona Cida)

Quanto aos espaços dentro da própria cidade, devemos lembrar que ainda nos anos de 1940, na fase inicial da (re)colonização (LUZ, 1999), não havia ainda a ocupação efetiva, ou centros urbanos mais desenvolvidos, as localizações davam-se de acordo com a quilometragem da estrada que ligava Londrina, ao Porto São José, passando por Maringá e Paranaíba (NETO, 2008). Segundo o relato de todos os entrevistados, logo que a população rural se estabeleceu ainda nos anos de 1940, no que hoje é Sarandi, começaram a surgir estabelecimentos, em um determinado ponto da estrada, pouco a pouco surge um povoado não planejado pela Companhia Melhoramentos, ao redor de uma venda e de uma antiga máquina de beneficiamento de arroz, devido à sua localização da estrada, o local ficou conhecido como Km 115, ou simplesmente 15. Essa informação foi fornecida pelos informantes, e de fato não foi encontrado nenhum registro bibliográfico sobre o planejamento desse povoado, bem como o de tantos outros na região, mesmo pelo seu tamanho bastante reduzido, porém sabemos que ele existiu e, pelos relatos, que é tão antigo quanto, ou ainda mais, que o patrimônio planejado pela Companhia, Dona Dionísia afirma que:

A igreja da comunidade foi feita primeiro lá no 15, porque todo mundo esperava que o centro fosse ser lá, porque lá era mais desenvolvido que aqui, ninguém esperava que a cidade crescesse aqui (km 118, ou Sarandi Velho, hoje corresponde ao centro da cidade). (Dona Dionísia)

Tinha gente que saia aqui do Sarandi (e ai fazer compra lá no 15 porque lá era mais desenvolvido, até farmácia tinha lá. (Sr. Luiz)

A um caso interessante de uma foto que está em uma publicação da prefeitura de 1983, na qual esta foto bastante famosa e 3 entrevistados a reconheceram como sendo a instalação do cruzeiro nessa região chamada Km 115, porém nas publicações da prefeitura: Sarandi 1983 O Futuro Esta Nasceu de, e Sarandi cidade em Progresso do Paraná de 1988, ela aparece apenas como instalação do cruzeiro em Sarandi, e foram encontradas fotos da capela que existia no Km 115, percebemos que nesse

contexto a história desse segundo eixo na formação da cidade foi possivelmente excluído, para que se estabelecesse um discurso de uma elite política.

Em 1954 chega a cidade o primeiro trem, a estação ferroviária ficava no patrimônio planejado pela CMNP, localizado 3 quilômetros mais adiante do já mencionado 15, por isso inicialmente esse povoado foi chamado de Km 118, ou O Sarandi (hoje esse espaço, é conhecido como Sarandi Velho) desde então o fluxo de pessoas para a nova região aumenta, porém agora os novos moradores também iram se estabelecer na área urbana ao redor da estação. Segundo Dona Dionísia alguns anos depois da estação, foi feita a estrada nova, asfaltada (BR 376, que ao cortar Marialva, Sarandi e Maringá, ganha o nome de Avenida Cristovão Colombo) que passava pela cidade, “isso deixou o 15 de vez para trás”.

A VINDA

É claro que não podemos esquecer que tal processo de ocupação começa ainda antes da instalação dos colonos na região, os primeiros passos são as ações de propagandas e publicidade, lançadas pela Companhia, que arregimentavam os futuros habitantes da região com promessas de terras férteis e colheitas fartas (NETO, 2008), tais propagandas não aparecem em nossas entrevistas, provavelmente pela tenra idade em que nossos informantes chegaram ainda muito novos à Sarandi e por isso guardam poucas lembranças desse processo. Também encontramos nos relatos de Dona Maria, Dona Laura, Sr. Pedro, Mesmo Dona Dionísia e Dona Cida, outra informação relevante, estes informantes que vieram ainda no início da colonização, foram precedidos por parentes que relataram a fertilidade da terra e as boas condições de pagamento, assim se torna evidente um movimento espontâneo, onde famílias inteiras acabam indo para a região da frente pioneira. Obviamente a propaganda produzida pela CTNP, e posteriormente CMNP é o início do discurso que ainda hoje é engendrado e reproduzido. Mas é claro que a experiência real de quem deixou o lugar de origem, para se instalar em uma região nova e desprovida de infraestrutura ou recurso é bastante diferente.

Foi unânime entre entrevistados e na bibliografia a respeito, que o movimento populacional foi movido por desejos e esperanças de uma vida melhor, e da construção de um patrimônio, este tema já se evidencia pelo conteúdo das campanhas publi-

citárias da Companhia, este tema já foi bastante explorado por autores como: José Miguel Arias Neto (2008), Francisco Silva Noelli (1999), Joel Júnior Calvalcante (2013), Paulo Cesar Tomaz (2008), e o próprio José Ferreira Duque Estrada (2014), primeiro a escrever um livro sobre a formação de Maringá. Como já se evidencia na produtividade das terras, divulgada pelas propagandas da Companhia. Mas os primeiros habitantes guardam é claro a lembrança da mudança, não apenas da viagem feita em *pau de arara* e ônibus antigos e precários, mas também do processo sofrido de deixar seu espaço e passar a viver em outro.

De Apucarana para cá não tinha (trem), aí nós viemos de caminhão mesmo todo mundo lá encima, aí deve coincidir com o que minha irmã falou naquele pau-de-arara, e descemos ali na venda que tem no Vera Crus, então nós viemos na estrada velha e descemos ali, mas viemos assim, meu pai, minha mãe, minha irmã e eu, e alguns sacos, mais nada, nossa mudança estava toda nos sacos, roupas, coisas de cozinha, tudo dentro dos sacos. (Dona Dionísia)

Sarandi nesse momento era um mundo novo para os novos habitantes que tinham, uma tradição ou laço entre o espaço em questão e a população que chegava, não era uma mudança para a casa de um parente que vivia numa cidade afastada, era a mudança para um lugar completamente novo e estranho.

meu pai saía de lá e ia trabalhar lá na Cuiabá (atual avenida Cuiabá), porque ele tinha que lá não tinha serviço. (Dona Dionísia)

Entre os entrevistados, Seu Luiz e Dona Rosa, não se lembram da vinda, pois chegaram a cidade ainda em idade muito tenra, vindos ainda nos anos 1940, por isso guardam apenas poucos fragmentos da viagem e da mudança. Entretanto aqueles que vieram posteriormente guardam ainda a memória desse processo, sempre doloroso. É interessante nesse momento o relato de Dona Dionísia, que veio para a cidade aos 8 anos, e Dona Maria, que chegou aproximadamente aos 10 anos. Ambas relatam a dor em deixar a cidade em que viviam:

Eu chorava muito, porque eu não queria vim, lá agente tinha nossa casa, mas a gente tinha que vim, eu lembro que eu não largava minha irmã, ela também não se conformava com sai de lá. Aqui não tinha nada, nossa casa era de palmito com chão de terra batida. (Dona Dionísia)

Esse depoimento é corroborado pela irmã de Dona Dionísia, Dona Cida. Também Dona Maria lembra-se do caráter impositivo da viagem. Ela vivia em sua cidade natal, Cornélio Procópio, já no Paraná.

Ah! eu não queria vim não, eu gostava de lá, da fazenda, a gente conhecia todo mundo que morava lá na colônia, mas o pai fez agente vim, né! Fazer o que! O pai manda a a gente obedece. (Dona Dionísia)

Dona Cida, irmã mais velha de Dona Dionísia, se lembra melhor da do impacto de viver em uma região tão diferente:

E a gente moro aqui, no ranchinho enquanto meu pai e minha mãe abriu a chácara, lembro que agente chorava porque tinha carvão a gente se sujava muito a terra vermelha, e no estado de São Paulo não tem terra vermelha é areia, a gente não se sujava. (Dona Cida)

Devido à falta de infraestrutura a viagem era feita em dois modais, o trem de passageiros chegava somente até Apucarana, como descrevem Dona Cida e sua irmã. Este fato é lembrado também por Dona. Pasqualina e a Dona Laura. Depois de Apucarana a viagem era completada pela precária estrada de rodagem aberta ainda na década de 1920 e percorrida por ônibus antigos (jardineiras) da lendária *Viação Garcia* e por caminhões (*pau de arara*), usados pela maioria, onde os passageiros se equilibravam nas caçambas com seus poucos pertences a tiracolo. Ao longo desse trecho com aproximadamente 70 quilômetros, feito ao longo de uma tarde ou uma manhã inteira, haviam inúmeros locais de parada onde os viajantes descansavam do incomodo sacolejo.

Tais pontos de parada eram as famosas *vendas de secos e molhados* e bares, que nesse momento se proliferavam tanto pelos nascentes centros urbanos, como pelas margens das estradas, cada vez mais movimentados. Tanto em Sarandi como em Maringá, os paus de arara e jardineiras da Garcia paravam nos mesmos locais pré estabelecidos.

Dona Dionísia, sua irmã, D. Cida, S. Luiz, e S. Pedro Basse. Todos citaram muitos eventos e eventualmente datas bastante precisas, entretanto foi interessante um contraste, Dona Rosa, Dona Cida, e S. Luiz não guardavam com clareza as datas públicas, guardando melhor as datas de família, D. Dionísia chegou a lembrar o dia em que chegou à Sarandi em 30 de agosto 1952, porém não guardaram as datas de eventos públicos, ainda que mais marcantes nos

relatos, tais como a emancipação política de Marialva (já que por mais de 30 anos a cidade foi distrito de Marialva, incluindo sua colonização e crescimento urbano, além da instalação dos primeiros serviços públicos como escolas e postos de saúde, e claro, a primeira paróquia) ou a emancipação política de Sarandi. Esse efeito foi ainda descrito por Pollak:

[...] as datas precisas que pudemos identificar em seus relatos eram as da vida familiar: nascimento dos filhos, até mesmo datas muito precisas de nascimento de todos os primos, todas as primas, todos os sobrinhos e sobrinhas. Mas havia uma nítida imprecisão em relação às datas públicas, ligadas à vida política.

No extremo oposto, só para marcar a polaridade, se fizemos entrevistas com personagens públicas, a vida familiar, a vida privada, vai quase que desaparecer do relato. Iremos nos deparar com a reconstrução política da biografia, e as datas públicas quase que se tornam datas privadas. (POLLAK, 1992,3)

O Senhor Pedro Basse e Dona Dionísia foram esse extremo oposto ao enfatizar a vida pública, foi interessante que em determinados momentos foi necessário trazer o senhor Pedro de volta ao assunto, pois este estava apenas descrevendo de forma quase que cronológica a história política da cidade. Muito interessante também que Sr. Pedro se coloca sempre como um participante bastante ativo, quase primordial, das mudanças políticas ocorridas na cidade, em especial da emancipação política. Quando ele dá seu relato sobre a emancipação política do município, ele e seu irmão veem como os precursores desse processo.

[...] os primeiros, espetaculares e triunfantes, imponentes e geralmente impostos, quer por uma autoridade nacional, que por um corpo construído, mas sempre de cima, tem muitas vezes a frieza ou a solenidade das cerimônias oficiais. Mais nos deixamos levar do que vamos a eles. Os segundos são os lugares refúgio, o santuário das fidelidades espontâneas e das peregrinações do silêncio. É o coração vivo da memória [...]. (Nora, 85, p.26)

OS ESPAÇOS E A MEMÓRIA

Na marcha que acompanhou a formação das cidades nessa região, inicialmente todas as terras formadas pela “Mesopotâmia, Tibagi, Ivaí, Paranapanema” até a foz do Ivaí, pertenciam ao município de Jataizinho, em 1934 Londrina foi emancipada, então todas as terras a oeste do Tibagi e a norte do Ivaí tornam-se território de Londrina (Neto, 2008), em 1947 Mandaguari emancipa-se de Apucarana, e fica

com o imenso território ia até a foz do Ivaí. O novo município de Mandaguari já surge com 3 distritos: Marialva, Maringá e Paranavaí. Finalmente em 1951 Marialva é elevada a município (Duque Estrada, 2008), e dentro de Marialva surgiu o distrito de Sarandi, como se evidencia nas publicações realizadas pela prefeitura nos anos de 1980.

Já nesse momento começamos a formar os primeiros locais, fisicamente falando, de memória eminentemente dentro da cidade, por exemplo, o Bar Azul, uma venda de secos e molhados, às margens da estrada de rodagem na localidade do 115. As irmãs descrevem o estabelecimento inicialmente, ao descreverem a viagem de até Sarandi, elas saem de Bernardino de Campos, no interior de São Paulo, e desembarcaram em Apucarana, ponto final da estrada de ferro, de lá a família embarcou em um caminhão *pau de arara*, que seguiu pela estrada tomada pela terra e poeira. O ponto de chegada em Sarandi foi justamente o Bar Azul. Além das irmãs, o Sr Luiz o descreve como o usual ponto de chegada dos “*paus de arara*” e das “*jardineiras*” que traziam os migrantes, como parada de descanso para os que seguiam viagem para Maringá ou as cidades que ficavam ao longo da estrada, Sr Luiz também lembra do Bar como ponto de encontro entre os homens que moravam naquela área.

Essa estrada seguiu por muitos anos como a principal via de comunicação do Norte Novo do Paraná, Dona Cida Lembra-se das condições de circulação nessa estrada:

Tinha um barro, a estrada era ali onde tá a Avenida Maringá, acho que por isso que chama Avenida Maringá. Era um barro que você nem imagina. O ônibus atolava, caminhão atolava, e tinha um ponto de ônibus bem ali no cantinho da praça. Tinha uma mulher que chamava Maria que tinha um quiosque e vendia salgado. (Dona Cida)

Interessante que este bar se localiza no povoado do 115, local mais distante do centro urbano planejado pela Companhia, outro ponto chave é que durante as entrevistas houveram relatos de inúmeras edificações, entretanto 4 se destacam: o Bar Azul, a capela do centro da cidade (que deu origem a atual Paróquia Nossa Senhora das Graças), a Igreja dos Padres (Capela de São Bonifácio), e a antiga Escola Isolada de Sarandi. Mas o que torna a antiga venda de secos e molhados ainda mais excepcional, é que ela é a única ainda existente e hoje localizada no município de Sarandi :

* A Igrejinha no centro da cidade, deu lugar a nova Igreja Matriz de Nossa senhora das Graças;

* A antiga Escola Isolada de Sarandi, posteriormente Escola Municipal de Sarandi e depois Escola Santa Cecília, dividiu espaço com o Colégio Estadual Olavo Bilac, após o fechamento da Santa Cecília, o espaço que tradicionalmente era dedicado a educação e escolarização seguiu tendo a mesma função, dado que o terreno que um dia abrigou a primeira escola de Sarandi e abriga ainda hoje o colégio mais antigo da cidade (BERTONHA, 2010);

* A Capela dos padres passou por algumas modificações, nos anos de 1990 foi restaurada, posteriormente tombada, mas não se localiza no território hoje pertencente à Sarandi, além do mais com a construção de uma Igreja no centro do povoado, aos poucos eliminou sua importância, ao ponto de nenhum dos entrevistados saber se ela ainda estava em pé;

* Porém o Bar Azul seguiu sua história quase sem nenhuma alteração em sua estrutura, que ainda hoje é conservada pelos proprietários. Dessa forma das 4 edificações mais lembradas, o Bar é a única que, ainda, permanece presente para a comunidade.

Como já foi observado, nesse momento que Sarandi tem uma origem dupla por assim dizer, pois ainda que os registros da companhia tragam a formação da cidade no Km 118 da estrada de rodagem, no Km 115 temos também a formação de um povoado, este povoado é bastante presente na memória dos pioneiros, pois ali se realizavam inúmeros eventos religiosos, além de existir ali certo comércio que servia a toda a população. Este povoado no Km 115 e o novo povoado planejado pela CMNP, que constituiu no núcleo central do que hoje é o município de Sarandi, estavam separadas, com o crescimento urbano as duas áreas se fundiram e hoje o Km 115, mais antigo segundo os relatos, é apenas uma região da periferia da cidade, um processo semelhante também foi observado por Noelli (NOELLI, 1999), onde o atual centro de Maringá se encontra em um ponto planejado pela CMNP, porém o início da cidade se deu em outro ponto, a partir de um povoado hoje conhecido como Maringá Velho.

O processo de colonização se deu de forma muito rápida, no início da década de 1940, existiam apenas uma capela, poucas propriedades que pouco produziam e uma estrada, 10 anos mais tarde duas vilas, dois núcleos urbanos bem próximos, comércio cada vez mais aquecido e rápido crescimento populacional. Isso produziu certo estado de

euforia dado o caráter pioneiro de tudo que se fazia (NOELLI, 1999), em contraste com a euforia típica de uma zona pioneira haviam as dificuldades em decorrência da falta de infraestrutura (também descritas por Noelli entre outros autores). Esses problemas relacionados aos serviços básicos povoam a memória daqueles que viveram esses primeiros anos.

Dona Dionísia lembra-se com orgulho da mãe que andava cerca de quatro quilômetros para conseguir lavar roupa na casa de um parente, onde havia um poço e um tanque, segundo ela a roupa era levada em trouxas na cabeça da mãe, demorou cerca de 2 anos para a família se mudar para outra casa, já no 118, onde havia um tanque. Dona Dionísia hoje é professora aposentada e teve participação bastante ativa na via política da cidade, sendo diretora do que foi por décadas o único colégio estadual da cidade, o já referido Colégio Olavo Bilac, além de ajudar a rede municipal de educação quando essa se expande nas décadas de 1980 e 1990. Porém a informante relata que teve seus estudos atrasados, e que isso lhe frustrava muito. Os anos de atraso seriam em decorrência da falta de escola na cidade. Sr Luiz e Dona Pasqualina relatam o mesmo problema, na verdade ambos estudaram apenas os primeiros anos do primário em um grupo escolar que funcionava no galpão de um sítio próximo ao Km 115, do qual não foram encontrados registros oficiais.

Não eram apenas as escolas, Dona Dionísia chega a rir quando fala do abastecimento de água feito por um poço artesiano que ficava em seu quintal, e que fornecia água para sua casa e para os vizinhos.

No quintal atrás da nossa casa tinha um poço e todo mundo ia busca água lá, puxava água na manivela, era engraçado, porque a água as vezes derramava um pouco, e o quintal da minha mãe vivia cheio de lama, ela ficava brava porque ela gostava muito de limpeza. (Dona Dionísia)

Dona Dionísia relata que seu pai era muito participativo na comunidade e por isso ela se lembra bem das mudanças pelas quais a cidade passou desses seus primeiros anos.

A luz elétrica quando chegou aqui, os postes eram de eucalipto, quando chegou a Coopel, meu pai e seu Salvador Jordano, fizeram um

9 O movimento Paranista foi um movimento artístico, cultural e social a favor do desenvolvimento e busca de identidade do Estado. Buscava-se signos que representassem o estado e sua intelectualidade, relacionados ao contexto político e econômico do início do século XX.

abaixo assinado, cada um dava um poste para pôr luz no Sarandi, era só ali na Praça Ipiranga, só La na praça, só ali naquele contorno e na Igreja, depois foi expandindo, foi pela Londrina, Maringá. Daí troco os postes e estendeu pra Sarandi. (Dona Cida)

As obras feitas na cidade eram sempre em regime de mutirão como relembram os entrevistados e também em, exemplo de outras obras significativas presentes na região, com a Capela de São Bonifácio, a igreja dos padres, como as principais obras foram feitas com a cooperação da comunidade ela se torna mais um motivo de orgulho e referência identitária, percebemos isso de forma muito intensas nos relatos de Dona Dionísia, Dona Rosa e Sr. Pedro, pois suas famílias tiveram participação política mais ativa na cidade ou tinham meios para exercer certa influência, assim Dona Rosa ressalta a participação sua e de seu pai na construção da primeira igreja, ainda no começo da década de 1950.

A madeira daquela igreja ali no centro, foi meu pai quem doou, ele e mais uns sitiante, doaram as toras, depois levou lá no *Fim da Picada*, (localidade de Maringá onde encontrava-se uma das primeiras serrarias da região), para fazer as tábuas, depois os homens trabalhavam para construir a igreja. A primeira missa, foi eu que bordei a toalha do altar. Branca com um bordado verde e figuras de uvas. Eu que fiz ela. (Dona Rosa)

Dona Dionísia tem um relato parecido sobre a eletrificação de Sarandi:

Não tinha energia, que tudo escuro, tinha um grupo de pessoas que tinha o meu pai, e junto de político de Marialva e trouxeram a energia, mas os postes eram todos de eucalipto, eles foram cortar eucalipto ali perto do Vera Cruz, aí eles plantaram os postes e trouxeram a luz, aí ia toda noite eu minha irmã eu meu pai com uma chave, liga a chave para acender a luz da rua. Aí quando trouxe a luz, meu pai foi o primeiro que teve energia em casa, foi uma festa. (Dona Dionísia)

Outro relato bastante interessante é do Sr. Pedro Base, famoso construtor de casas da cidade, que ajudou a construir o salão paroquial da cidade em substituição ao salão antigo feito em madeira nos anos de 1970. Ele relata ter construído o primeiro sobrado e a primeira casa de alvenaria da cidade, em outro momento ele também fala sobre um certo plebiscito promovido pelo seu irmão, que pretendia a separação do Distrito de Sarandi do Município de Marialva e sua anexação ao Município de Maringá, dado ao nítido avanço que Maringá já apresentava frente a Marialva e a dependência econômica que Sarandi desenvolveu com a nascente metrópole.

CONVIVÊNCIA COM A COMUNIDADE, RELAÇÕES COM O OUTRO

Quando os entrevistados foram perguntados sobre a convivência com a comunidade todos relembram de com saudosismo das amizades entre pessoas e famílias, além de brincadeiras na rua e nos sítios. A primeira coisa que devemos lembrar é que todos os informantes passaram sua juventude na Sarandi dos anos de 1950, logo suas lembranças desse período iram remeter a sua infância e suas relações com amigos e com sua própria família, e claro, às relações mediadas pela Igreja.

Por volta de 1952 a primeira igreja já estava em construção no Km 118, hoje centro de Sarandi, e nesse momento ela aparece como um elemento aglutinador da comunidade, sendo ela centro de parte das atividades familiares, seu prédio e suas celebrações são importantes para a coesão da comunidade. Como já foi mencionado, Dona Rosa orgulha-se por seu pai ter fornecido madeira para a primeira igreja, construída no início da década de 1950, e por haver ela bordado a toalha que cobriu o altar para a primeira missa dessa igreja, em um momento anterior a construção desta igreja, a dificuldade da prática religiosa imposta pelas distâncias era marcante, levando os habitantes da zona rural a caminharem mais de 10 km para participarem das missas.

O caráter aglutinador que a Igreja tem para essa comunidade dos anos de iniciais da colonização, pode ser visto pelo caráter comunitário da construção dos principais prédios da cidade, tais como a primeira escola os primeiros postes de iluminação e claro da igreja, tanto da Religião Católica como da Congregação Cristã do Brasil. A esse respeito, Dona Cida lembra-se da convivência que tinha com a comunidade e da socialização que girava em torno da Igreja:

[...] tinha igreja né, todo mundo se reunia, os amigos ajudavam, se tinha uma família pobre todas as mulheres, se ajuntavam e ajudavam. (Dona Cida).

Nessa fala a entrevistada menciona o sistema de mutirão, que se mostra em outros momentos da história de Sarandi e da região, como pode-se perceber em outros documentos. A própria informante lembra-se de outros lugares exemplos do sistema de mutirão para as obras em Sarandi:

Fizeram a Igreja, a escola, a Assembléia de Deus, a Cristão, a Congregação Cristã do Brasil) foi a primeira igreja evangélica do Sarandi. Então o povo se unia e colaborava com dinheiro mesmo. (Dona Cida)

Lembramos que nesse momento não existem muitas atividades de lazer, ou de interação social, assim o calendário de festas da Igreja é fundamental para essa comunidade, os principais eventos organizam-se principalmente em torno da Igreja, aos poucos o entorno da igreja torna-se por si só um centro de convivência, organizando ali lugares como: Bar do Bocha e o Bar do Basquete, jogos como: bocha, malha e futebol, os primeiros comércios da cidade, ou um simples local para passeios e encontros.

Os habitantes mais antigos lembram-se das atividades de lazer e de recreação disponíveis na cidade em seus primórdios, tais atividades são muito bem descritas por três pioneiros específicos: Seu Luiz, Dona Dionísia e Dona Pasqualina. Relatam os bares que se multiplicavam ao redor da Praça Ipiranga, ponto central da cidade ainda nos dias de hoje, além das partidas de futebol realizadas quase que diariamente nos campos improvisados no descampado da praça ainda sem nenhuma infraestrutura, somente a Igreja, um coreto, um ponto de ônibus da viação Garcia e um salão paroquial ainda em construção. A esse respeito Dona Dionísia relata:

Meu pai sempre era envolvido na parte política, apesar de que nunca foi candidato, ele sempre esteve envolvido, querendo trazer coisas. A única coisa que tinha na época era a igreja, ela era o centro de tudo. Tinha a Igreja, a escola do lado e as vendas no entorno da igreja. Então Sarandi tinha um centro que era ali, tinha um centro de convivência que era ali, fora dali mais nada. (Dona Dionísia)

Finalmente uma questão fundamental que não pode ser desprezada ao se resgatar a memória sobre a cidade, e principalmente as relações entre os membros da comunidade, são as questões gênero, muito bem estudados por Scott:

(...) Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de idéias sobre as papeis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gêneros” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta a um corpo sexuado. (SCOTT, 1995, p. 75).

Quando perguntadas das relações interpessoais com os familiares, percebe-se que as famílias no

meio urbano eram menores e nucleares, uma média de 5 pessoas: Pai, Mãe, 3 filhos. No meio rural as famílias eram, em geral, extensas e bem numerosas, média de nove pessoas por família (chegando até mesmo a 19 pessoas na mesma casa), contando com avós, tios e primos. Além disso, aparentemente as famílias no meio urbano tinham uma relação mais estreita entre pais e filhos.

Percebemos que nos relatos dos habitantes da zona rural, é muito forte a poder masculino sobre a família e tanto a mulher como filhos devem obedecer ao pai incondicionalmente, quanto aos assuntos de fora da casa, foi unânime também a fala que quem mandava dentro da casa eram as mulheres. Porém em relatos feitos pelos habitantes que vinham da zona rural, foram descritas situações tais como a do banho, onde os homens tomavam banho antes das mulheres, e por vezes isso fazia com que elas tomassem banho com água fria, mesmo quando os relatos falam que a mulher é que mandava na casa, esse mando era justamente no universo doméstico, e a serviço da primazia masculina.

Haviam outras formas de separação dos sexos, uma delas era a liberdade que se dava aos homens a partir de certa idade, ao passo que as mulheres seguiam rigidamente controladas pela família, interessante que este controle não vinha apenas do pai ou dos irmãos, mas também das mães e avós, assim a mulher nesse contexto reproduz a dominação masculina sobre a própria mulher. Dona Maria dá a informação mais interessante a esse respeito, ao falar da relação com seus pais, ela lembra que por vezes seu pai lhe dava mais liberdade e que ambos eram quase companheiros, porém sua mãe que lhe impunha o cuidado com a casa, com seus irmãos pequenos ou como se comportar. Nesse momento das entrevistas temos um excelente exemplo daquilo que Pierre Bourdieu chama de violência simbólica, “uma violência que vai do oprimido para o oprimido, violência suave, invisível às suas próprias vítimas” (BOURDIEU, 2002, p. 3)

Ainda sobre essas relações de gênero, Dona Pasqualina traz uma experiência interessante, sua mãe faleceu quando esta tinha cerca de 10 anos, assim seu pai viúvo fez com que ela assumisse o cuidado com a casa, porém ela não sabia como fazer todo o trabalho doméstico, quando não conseguia, seu pai lhe batia, segundo ela, esses castigos físicos eram comuns. Quando ela foi perguntada sobre como ela se sentia sobre os castigos do pai, ela respondeu, *era ruim, ele tava no direito dele, tava certo*. Bourdieu

também revela características importantes da violência masculina sobre a mulher: a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação (BOURDIEU, 2002, p. 10). Novamente há um exemplo da violência simbólica, pois ainda que o pai a tenha castigado, ela não vê isso como algo errado, mas sim direito do pai sobre ela, que como ela própria disse, *era moça né!*

Os habitantes da cidade relataram relações mais flexíveis dentro da família, possivelmente em decorrência do número menor de membros nas famílias urbanas, ainda que o homem fosse mais forte que a mulher, havia mais liberdade de trabalho para as mulheres, que poderiam buscar colocações fora do universo doméstico, ainda que inferiores às dos homens. Porém esse ambiente urbano não está livre da violência simbólica. Dona Cida lembra em um momento, das vestes, e afirma:

as veis, eu lembro, as menina era bem cuidada, não podia namora. E quando uma usava calça cumprida então, o povo já começava a fala que era... que era mulher da vida, mulher não podia usar calça cumprida de home né! (Dona Cida)

Mais adiante a mesma informante elogia o fato da filha ser mais comportada que as meninas da mesma idade:

Graças a Deus a Rebeca nunca me deu trabalho, nunca me deu desgosto, nunca namoro, num fica por rai que nem as menina de hoje, num vai pra bar bebe guaraná, num bebe cerveja. O primeiro namorado é esse que ela tá. (Dona Cida)

Novamente ao passar esses padrões de comportamento à filha, na verdade ela, enquanto mulher reproduz os valores machistas sobre a mulher, os valores do dominador sobre o dominado. Talvez a informação mais interessante foi fornecida por Dona Cida, que ao ser questionada sobre como era a cidade de Sarandi, quando ela saiu da área rural para a cidade, ela respondeu sem pensar muito, *“tinha muito bandido”*. Esse relato vai de encontro com o que os habitantes das zonas rurais relatam, de que o início da colonização era um período mais tranquilo e pacífico, livre de violências. Aparentemente os relatos sobre essa suposta violência dizem que ela cessou entre fins da década de 1950 e início de 1960, segundo parte dos entrevistados, isso se deve ao fato de a Companhia de Terras, parar de vender as terras loteadas, e diminuir o fluxo populacional para a nova região.

Apenas uma entrevistada, Dona. Cida relatou que o marido era bastante irascível e sofria de alcoolismo, entretanto, indiferente ao espaço em que viviam, não houveram relatos de violência contra a mulher ou abusos contra as crianças, ainda que tenha ficado clara a visão que essa população tinha em relação ao comportamento da mulher.

Aparentemente a mulher teria uma posição tão subalterna nessa sociedade que até mesmo o direito há memória foi cerceado, sempre quando uma mulher era entrevistada, ouvia-se ao fim da entrevista uma fala muito interessante: *de repente um homem pode te dar mais informações*, como se essa mulher não tivesse a capacidade de lembrar o passado e por isso precisam do homem, até mesmo para guardar a sua própria memória.

As famílias extensas eram mais comuns na zona rural, ou mesmo antes da formação do núcleo urbano inicial, onde várias gerações dividiam uma mesma propriedade. Nos relatos colhidos houve várias referências a famílias de até 19 pessoas, todos vivendo em uma mesma casa.

Para o trabalho é evidente a divisão por sexo, o trabalho era basicamente rural, tanto para homens como para mulheres, porém as possibilidades para trabalho feminino eram mais escassas, até que a cidade cresceu e surgiram formas de trabalho urbano.

... e aqui também na cidade ainda era aquele estilo do povo do sítio, porque praticamente todo o pessoal que veio aqui naquela época era todo povo da Roça, que trabalhava na lavoura, então não era assim tão difícil naquela época porque já havia mudado muito, Né, já começo a entra a faze de mecanização muitas pessoas do sítio já andaram comprando carro trator... (Sr. Luiz)

Os laços não eram estabelecidos apenas por casamentos entre as famílias, mas também por questões culturais e religiosas, como o apadrinhamento dos filhos de amigos, sobre isso Dona Cida recorda:

Se a minha mãe fosse contar o número de compadres e comadres que ela tinha em Sarandi, o meu pai foi compadre no Neco da Carminha. Nossa naquela época era... Casamento era um festão, porque casou né! Hoje nem casa direito, hoje casa e separa, naquela época não tinha divórcio, separação nada, mulher era criada para casar e ser feliz no casamento, hoje não, deu certo deu não deu desse, não tem mais compromisso. Os filhos não viam briga, eu nunca vi meu pai minha mãe brigando, hoje em dia os filhos até entram na briga. Quando era natal as vezes meu pai convidava os compadre, e todo mundo se dava, mas hoje vira costas, naquela época em Sarandi não.

Tinha uma pessoa precisava de ajuda nossa tinha o apostolado da oração, até a sua avó foi, ia na casa. (Dona Cida)

Ao falar das relações interpessoais é complicado separar a convivência familiar da convivência com o resto da comunidade, pois nos anos de 1940 havia apenas uma parca população, e apenas na zona rural e distante em relação aos nascentes centros urbanos, faziam com que a convivência fosse bastante restrita aos entes da família, como indica dona Dionísia, mesmo os namoros deveriam ocorrer sob o olhar vigilante de um dos membros da família da moça. A vivência fora do sítio da família é restrita às atividades religiosas, basicamente missas aos domingos de manhã e quermesses, pelas quais se chegava a caminhar por horas sob o frio, ou garoa. Talvez por essa dificuldade em participar da missa que a “Fazenda dos Padres” tenha ficado marcada na memória desses pioneiros.

À medida que ocorriam os casamentos, os casais passavam a viver com uma das famílias, assim formavam-se as famílias extensas, bem características da zona rural. Depois do crescimento das primeiras zonas urbanas em Sarandi, a convivência social se amplia e os laços vão além da sua própria família. É nesse momento que novos lugares de referência aparecem, todos ao redor da Praça Ipiranga, na qual estava a igreja católica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação colonizadora da Companhia de Terras, foi um pilar em que se apoiou o discurso histórico sobre a formação do Norte do Paraná, sendo assim, percebemos isso no relato da população mais simples que foi entrevistada, ou nos textos oficiais publicados pela prefeitura municipal, a internalização e reprodução do discurso tradicional sobre a cidade e moldou também a memória coletiva de sua população. Porém com o uso da história oral e novos paradigmas teóricos revelou o dinamismo inerente a uma colonização, e a fundação de uma cidade criou uma memória que distingue Sarandi do restante da imensa região (re)ocupada pela CMNP.

Essas novas metodologias e paradigmas mais recentes revelaram elementos que ajudam a identifica-

de de determinada população, como também permitiu o questionamento de verdades consolidadas pelo grupo, que por seu caráter muitas vezes coercitivo agem tanto quanto os laços emocionais como formador dessa memória e discurso que fundam o sentimento de pertença da população que os absorveu e os reproduz. Finalmente encontramos um contexto onde a mulher relega ao homem a capacidade de guardar a própria história, suas impressões, suas vivências, suas experiências, a visão que essa mulher cria em torno de si própria é uma imagem de submissão.

FONTES

TEXTUAIS

Sarandi 1983 O Futuro Esta Nascendo. **Prefeitura de Sarandi**. Sarandi Pr, 1983. vol único.

Sarandi cidade em Progresso do Paraná. **Prefeitura de Sarandi**. Sarandi Pr, 1988. vol único.

Orais

Entrevista gravada em Audio com Dona Dionísia Munhoz;

_____ Dona Laura Martins;

_____ Senhor Luiz Totoro.

_____ Dona Maria Aparedida Munhoz.

_____ Dona Maria Irene Falasque.

_____ Dona Marina Neuza Mello Totoro.

_____ Dona Pasqualina Guisso Carnio.

_____ Senhor Pedro Basse.

_____ Dona Rosa Paulina Previato.

10 O medo de uma possível mudança de local da capital existe nesse período, já que o Brasil passava por um processo de redemocratização durante a década de 1980, e durante o período do Estado Novo, sob as ordens de Getúlio Vargas, foram criados novos territórios nas fronteiras, pois com a intervenção federal direta, seria mais fácil a soberania sobre essas regiões com relação aos estrangeiros. No caso do Paraná, foi criado o Território Nacional do Iguaçu, que também abrangia Santa Catarina, extinto em 1946, teve capital onde hoje é a atual Laranjeira do Sul. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/724-4.pdf>

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história Oral**. FGV Editora, São Paulo. 2004
- ALMEIDA, Orlando Lisboa. **Aspectos da História de Mandaguaçu**: o contexto das frentes pioneiras da cafeicultura e visão dos pioneiros do município. Maringá, 2009.
- ALMEIDA, Shirlene Vieira de. **Memórias dos Trabalhadores**: a procura do eldorado 1950-60. Maringá 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.
- CAVALCANTE, Joel Júnior. **A Presença Nordestina Em Maringá**: Memória E Sociabilidade Dos Migrantes; disponível em <<http://nou-rau.uem.br/nou-rau/document/?view=vtls000209730>> acessado em 25/jun/2015.
- DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. *Maringá e o Norte do Paraná: Estudos de História Regional*. Maringá, Eduem, 1999.
- FERNANDES, Loureiro; BLASI, Oldemar. *Boletim do instituto histórico geográfico e Etnográfico Paranaense: Jazidas Arqueológicas do Planalto paranaense*. Vol VI – Fasc. 3-4 -1956.
- GEERTZ, Clifford. **Conocimiento Local**. 1 ed. Buenos Aires. Paidós. 1994.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. São Paulo, Paz e Terra, 1984.
- NORA, Pierre, **Entre Memória e História**. Disponível em <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>> Acessado em 7/abr/2015.
- POLLAK, Michael. **Memória E Identidade Social**. Disponível em <http://www.pgdef.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf#page=1&zoom=auto,-266,792> acessado em 07 de abr de 2015.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. Disponível em <http://gephishnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/dicionario_de_conceitos_historicos.pdf> acessado em 7 abr de 2015.
- SCOTT, Joan. **Gênero**: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica. Disponível em <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%Aanero-Joan%20Scott.pdf>, acessdo em 22/jun/2015.
- TOMAZ, Paulo Cesar. **Cidade, Memória E Patrimônio**: A Experiência De Tombamento Do Edifício Sede Da CMNP – Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Disponível em <<http://nou-rau.uem.br/nou-rau/document/?view=vtls000172241>> acessado em 17/mai/15.
- ZANI, Carlos Antonio. **Arquitetura em madeira**. EDUEL. SP. 2003.